

Alberto Casalegno

LER OS ATOS DOS APÓSTOLOS

Estudo da teologia lucana da missão



Questões

Algum Questões Introdutórias



Text block on the right page, likely containing introductory or explanatory text related to the title.

Algumas linhas orientadoras

Antes de entrar na análise do texto, é necessário que o leitor conheça e aprofunde algumas problemáticas básicas da composição dos Atos, que, no Novo Testamento, constitui como uma ponte entre os evangelhos e as cartas paulinas.

Dois livros, uma só obra

O Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos não são duas narrações separadas, sem ligações entre si, como se fossem dois livros colocados um ao lado do outro nas estantes de uma biblioteca. Ao contrário, trata-se de duas obras que estão em continuidade entre si, sendo o livro dos Atos a continuação do evangelho. O relato da história da Igreja primitiva não só segue o do evangelho, mas o evento da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, narrado no primeiro livro de Lucas, representa o pressuposto necessário, a condição de possibilidade a fim de que a missão da Igreja possa começar. Com efeito, Jesus continua atuando nas fileiras da sua comunidade, mostrando seu poder e impulsionando a missão; é pela força da sua presença

viva entre os cristãos que eles permanecem firmes na fé e dão testemunho ao mundo.

Considerando com atenção a obra lucana, pode-se dizer que não há somente uma continuidade temática entre os dois livros escritos de Lucas. Com oportunos elementos literários, o evangelista mostra sua intenção de relacionar entre si os dois momentos da sua narração, usando uma técnica bastante difundida na sua época. Quais são estes elementos literários que permitem considerar os dois livros de Lucas como uma só obra?

1. A ligação entre o terceiro evangelho e o livro dos Atos

No nosso livro sobre o evangelho de Lucas, já insistimos na ligação existente entre o terceiro evangelho e os Atos dos Apóstolos. Muitos são os indícios que testemunham esta ligação. Vamos lembrá-los em síntese, deixando ao leitor a tarefa de aprofundar o assunto¹.

- Em At 1,1, Lucas começa referindo-se ao seu “primeiro relato” e mostrando que a nova composição constitui seu segundo relato. No início dos Atos, resume brevemente o conteúdo do evangelho dizendo que no seu primeiro livro narrou “todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início até o dia em que foi arrebatado, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo” (At 1,1-2). Segue destacando que Jesus a eles “apresentou-se vivo, depois de sua paixão, com muitas provas incontestáveis” e que “durante quarenta dias apareceu a eles, falando do que concerne ao Reino de Deus” (At 1,3). Em Atos, a intenção do autor é, portanto, a de descrever as conseqüências do evento Jesus na história. Ambos os livros são dedicados a Teófilo (Lc 1,3; At 1,1), um personagem ilustre da Antiguidade que talvez tenha ajudado economicamente o evangelista, sustentando-o na sua pesquisa e permitindo a publicação da sua obra.

1. A. CASALEGNO, *Lucas. A caminho com Jesus missionário*. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia, São Paulo, Loyola, 2003, 227-233.

- É importante realçar que Lucas narra duas vezes o episódio da ascensão de Jesus ao céu: a primeira, em Lc 24,50-53, a segunda, em At 1,6-11, indicando, assim, explicitamente que entre os dois livros existe uma relação. Não se trata, porém, de uma mera repetição. Com efeito, o primeiro relato encerra a narração da vida pública de Jesus e tem um enfoque cristológico, destacando que a ressurreição do Cristo culmina com sua glorificação ao lado do Pai. O segundo relato tem um enfoque eclesiológico; com ele começa a história da vida da comunidade primitiva, frisando que existe uma continuidade entre o tempo histórico de Jesus e o da Igreja. Por isso, depois que Jesus foi arrebatado para junto de Deus, os dois homens vestidos de branco proclamam: “Homens de Galiléia, porque estais aí a olhar para o céu? Este Jesus que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá do mesmo modo como o vistes partir para o céu” (At 1,11). Convida portanto os discípulos a olharem para frente, isto é, para a missão. Da mesma forma, a reconstituição do número dos Doze com a eleição de Matias, após a morte de Judas, indica que o evangelista quer destacar a continuidade existente entre a comunidade histórica de Jesus e aquela que se prepara para receber o Espírito Santo na festa de Pentecostes.
- Entre as duas obras existe também a repetição de um tema muito importante nos escritos lucanos, indicado com a mesma palavra, quer no início do evangelho, quer no final dos Atos. Trata-se do termo grego *sôtêrion*, que significa “salvação”, muito raro em todo o Novo Testamento. Refere-se à pessoa de Jesus e a sua mensagem e distingue-se do termo grego *soteria*, que significa também “salvação”, que é, porém, uma palavra abstrata, muito mais corriqueira e utilizada pela maioria dos hagiógrafos. Encontra-se em Lc 2,30-31, na exclamação de Simeão: “Meus olhos viram a tua *salvação* que preparastes em face de todos os povos”, e em Lc 3,6, nas palavras de João Batista: “E toda a carne verá a *salvação* de Deus”, assim como em At 28,28, onde Paulo perante Israel que se endurece exclama: “Ficai, pois, cientes: aos gentios é enviada esta *salvação* de

Deus². Por causa da sua repetição, tanto no início, como no final da obra lucana, o termo *sôtêrion* constitui, na linguagem técnica, uma “inclusão”, indicando que os dois livros compostos por Lucas estão relacionados entre si³.

- Outros elementos literários indicam a intenção do evangelista de relacionar entre si os dois livros. Entre o final do evangelho e o início dos Atos existe uma ligação que pode ser indicada com a imagem visual da “dobradiça”. Esta consiste na correspondência de termos específicos. No seu discurso final, no dia de Páscoa, Jesus recomenda aos apóstolos reunidos que permaneçam em Jerusalém, esperando a promessa do Pai, isto é, o Espírito Santo, que os habilitará a serem testemunhas a todas as nações, proclamando “em seu nome o arrependimento para a remissão dos pecados” a começar por Jerusalém (Lc 24,46-49). O mesmo motivo encontra-se em At 1,4.6-8, em que, de forma semelhante, frisa-se a próxima vinda do Espírito Santo, que fará dos apóstolos as testemunhas privilegiadas da missão da Igreja, a começar por Jerusalém até os confins da terra. Os termos “promessa do Pai”, “testemunhas”, “Jerusalém”, junto com o tema da missão universal, se encontram, tanto no final do evangelho, como no início dos Atos, determinando uma ligação entre os dois livros.

Lucas, com muita perícia, destaca portanto a unidade entre seu primeiro e segundo livro não só por meio de elementos temáticos, mas também de pormenores redacionais. Seu interesse é o de pintar um grande mural que começa com os personagens do Antigo Testamento que se abrem para Jesus (Lc 1,1-2,52), que tem seu enfoque principal na pessoa de Jesus Cristo (Lc 3,1-24,53), que continua com a missão da Igreja e a chegada do evangelho até os confins do mundo (At 1,1-28,31). Uma obra de grande destaque no conjunto do Novo Testamento.

2. Além desses três casos, o termo *sôtêrion* aparece no Novo Testamento somente em Ef 6,17.

3. A “inclusão” é uma figura literária que consiste na repetição da mesma expressão ou termo no início e no final de um determinado trecho, indicando sua unidade.

2. Uma perspectiva teológica unitária

Os elementos, que destacam a estreita ligação entre o terceiro evangelho e os Atos, ajudam também a evidenciar uma das linhas básicas da interpretação do livro. Em Lc 2,29-32 Jesus é qualificado como a salvação preparada “em face de *todos os povos*” e que, na apresentação da figura de João Batista, à diferença dos sinóticos, Lucas realça: “E *toda carne* verá a salvação de Deus” (Is 40,6-8). Também no final dos Atos, Paulo declara: “Ficai, pois, cientes: aos *gentios* é enviada esta salvação”, em que o adjetivo demonstrativo “esta” cria uma ligação com os versículos do começo do evangelho. Não se pode duvidar que um dos temas da obra lucana consiste na manifestação da salvação a todos os povos, em particular aos pagãos.

O motivo encontra-se também no final do evangelho. Jesus manda aos apóstolos que preguem “o arrependimento para a remissão dos pecados a *todas as nações*” (24,47). No início dos Atos, o autor bate na mesma tecla. Os discípulos são escolhidos para serem testemunhas “até *os confins da terra*” (1,8). A expressão não corresponde à frase genérica “até os limites do mundo habitado”. Na lógica da narração, os confins da terra indicam a cidade de Roma, considerada como o centro do mundo pagão, onde, por meio de Paulo, o evangelho é destinado a chegar⁴.

Esses elementos indicam que os Atos apresentam a pregação da salvação de Jerusalém até o coração do paganismo, iluminando todos aqueles que vivem nas trevas. A atividade salvífica de Jesus continua por meio da Igreja, dirigindo-se àqueles que estão longe. Trata-se, por enquanto, de uma perspectiva muito geral, contudo significativa que será especificada ao longo do estudo.

3. O projeto inicial do evangelista

Os elementos temáticos e literários evidenciados mostram que as duas obras lucanas estão intimamente relacionadas entre si

4. A expressão encontra-se também em At 13,47, em que Paulo lembra a tarefa que Cristo lhe confiou: “Eu te estabelecerei como luz dos nações, para que sejas portador de salvação até os confins da terra”. A frase “*os confins da terra*” indica os gentios, mencionados no versículo anterior: “nós nos voltamos para *os gentios*” (v. 46).

e que a segunda é a continuação da primeira; é porém muito difícil dizer se, desde o começo da sua atividade de escritor, Lucas teve o projeto de compor uma obra unitária em dois livros. Esta afirmação é provável à luz das diferenças que se encontram na redação lucana a respeito dos sinóticos. Com efeito, Lucas faz algumas modificações no seu evangelho, mostrando que quando escreve seu primeiro livro já está pensando no segundo. Os motivos são os seguintes⁵:

- Somente o terceiro evangelista acrescenta à missão dos Doze (9,1-6) a dos setenta e dois (10,1-12), realçando que o mandato missionário da Igreja não se esgota naquele dos apóstolos, mas continua por meio dos seus colaboradores. Dessa forma, prepara o relato dos Atos, em que a missão é levada em frente por parte de todos os membros da comunidade primitiva.
- No discurso escatológico, só o terceiro evangelista destaca que Jesus virá como juiz universal numa "nuvem", usando o termo no singular (21,27). Diferencia-se, assim, de Mc 13,26 e Mt 24,30, que, mais fieis à profecia de Dn 7,13, usam a expressão no plural, dizendo que o Filho do Homem virá sobre as "nuvens" do céu. Faz isso porque quer estabelecer uma relação com At 1,9.11, onde realça que, na sua ascensão ao céu, Jesus é ocultado por uma "nuvem" aos olhos dos discípulos e que, no final dos dias, ele virá "do mesmo modo como o vistes partir".
- No evangelho, Lucas omite a questão referente ao puro e ao impuro que se encontra em Mc 7,1-23, deixando o assunto para o episódio de Cornélio (At 10,14-16; 11,8-14), em que o reconhecimento da superação das leis alimentícias hebraicas por parte dos cristãos se relaciona com o começo da missão aos pagãos (v. 34).
- Também o dito referente à destruição do Templo de Jerusalém, por meio do qual os adversários procuram acusar Jesus, não é mencionado durante o processo de Jesus, como em

5. Cf. R. Pisci, *Atti degli Apostoli*, Assisi, Cittadella, 1992, 8-10.

Mc 14,58; 15,29, mas é colocado, em Atos, no episódio de Estêvão (6,14), mostrando que a comunidade primitiva dá-se conta que a instituição judaica acabou seu papel na história.

- Igualmente, na previsão da futura perseguição da comunidade, Lucas acrescenta, a respeito de Mc 13,9, que os cristãos serão entregues "às prisões" (21,12), fazendo uma evidente referência aos episódios dos Atos nos quais Pedro (12,23.24.27), os apóstolos (5,19.22.25), Paulo e Silas (16,23.24.27; 26,10) são jogados no cárcere. Ainda em Lc 21,15 Jesus exorta seus discípulos a não premeditarem sua defesa, acrescentando a expressão: "Vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum dos vossos adversários poderá resistir nem contradizer", uma frase que faz referência às discussões que ocorrem em Atos nos processos contra as testemunhas cristãs.

Todos esses pormenores indicam plausivelmente que, desde o início da sua composição, Lucas pensou em dois livros relacionados entre si.

4. O Prólogo do evangelho e o livro dos Atos

Segundo o estilo dos autores profanos da sua época, Lucas começa a redação do seu evangelho com o Prólogo, mostrando seu interesse historiográfico. Põe-se a seguinte questão: se desde o começo o evangelista teve a intenção de escrever dois livros, o Prólogo tem a ver somente com o evangelho ou também com os Atos? Embora haja uma dedicatória no início dos Atos, os autores concordam em afirmar que os primeiros versículos do evangelho de Lucas constituem uma introdução a toda a obra do evangelista, inclusive aos Atos⁶. Isto significa que "os fatos (*prágmata*) que se cumpriram entre nós" referem-se não somente ao que

6. Lê-se no Prólogo: "Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste" (Lc 1,1-4).

Jesus fez e disse, mas também às ações dos personagens da Igreja primitiva, relatadas em Atos. Segue-se que a “narração ordenada” (*diégêsis*) não é representada somente pelo evangelho, mas também pelos Atos.

Igualmente, quando Lucas destaca que sua obra foi antecipada pela transmissão, oral ou escrita, de testemunhas oculares e ministros da Palavra (Lc 1,2) e pelas composições, completas ou parciais, de autores que, desde o início, tentaram fazer uma narração dos eventos acontecidos, ele não pensa somente no evangelho, mas refere-se também aos Atos⁷. Não há dúvida de que as testemunhas oculares têm um papel importante também na redação dos Atos. Elas são representadas pelos próprios apóstolos que, ao redor de Pedro, dão testemunho da ressurreição de Jesus e contribuem para a formação da comunidade; Lucas recebeu provavelmente da tradição que começa por eles as primeiras notícias acerca da missão cristã em Jerusalém e na Palestina. Da mesma forma pode-se pensar que aqueles que, antes do evangelista, “tentaram compor uma narração dos fatos” sejam os autores que ofereceram a Lucas o material prévio, necessário à composição dos Atos, constituído pelas fontes às quais atinge.

No Prólogo do evangelho está indicada também a finalidade dos Atos. Esta consiste em verificar a “solidez” dos ensinamentos que os cristãos da geração de Lucas receberam quando vieram à fé (v. 4). De fato, por meio da narração dos Atos, o evangelista quer mostrar aos cristãos da sua época que a doutrina cristã que os alimenta corresponde perfeitamente àquela pregada pela Igreja primitiva e pelo próprio Jesus. Além disso, quer lembrar-lhes os grandes empreendimentos dos missionários do passado, a fim de que eles também sintam-se co-responsáveis pela tarefa evangelizadora da Igreja. Dessa forma, Lucas destaca o valor da Igreja no seu papel de mediadora que transmite com fidelidade, ao longo da história, a mensagem de Jesus, interpretando-a à luz das diferentes necessidades.

7. Lucas se apresenta como o homem da terceira geração cristã que leva à plenitude as tentativas anteriores, feitas pelos seus antecessores, de redigir um evangelho.

A opção lingüística e a continuidade da história da salvação

É bastante conhecido que, como no Prólogo do evangelho, também em Atos, Lucas sabe usar o estilo elevado do grego clássico. Isso acontece quer no discurso de Paulo em Atenas, onde o grande missionário discute com os representantes da cultura da época, os estóicos e os epicureus, (17,16-34), quer no episódio do motim dos ourives em Éfeso, que protestam contra a pregação de Paulo (19,21-40). Também as palavras de Paulo perante o procurador romano Félix (24,1-23) e o rei Agripa (26,1-23), assim como as do advogado Tertulo (24,2b-8), são redigidas em estilo elegante, rico de termos variados, com períodos bem organizados.

Nas outras partes do seu livro, Lucas usa, porém, a língua grega mais popular, falada na bacia do Mediterrâneo. Nota-se, em particular, que na primeira parte dos Atos, na qual trata da vida da Igreja primitiva, faz um farto uso de semitismos, isto é, de construções gregas que são a tradução exata de expressões hebraicas que não têm nada a ver com o mundo grego. Dessa forma, evoca o ambiente judaico onde os acontecimentos se desenvolvem, mostrando seu talento lingüístico e sua capacidade de escolher a linguagem idônea para a situação⁸.

Em geral, tanto no evangelho, como em Atos, o evangelista usa com frequência o vocabulário e o estilo da tradução dos LXX⁹. Trata-se de um estilo bastante solene, muitas vezes de cunho litúrgico, por meio do qual o evangelista quer realçar que os eventos da Igreja primitiva representam a continuação daqueles da história bíblica do Antigo Testamento, constituindo com eles uma única história de salvação. Antes, representam o momento do cumprimento dessa história que encontra sua plenu-

8. F. Bovon, Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos, em *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, São Paulo, Paulinas, 1986, 213, nota que Lucas faz com que Pedro fale de forma hierática e com estilo semítico e que Paulo, ao contrário, apareça como um orador judeu da diáspora.

9. A tradução do Antigo Testamento para a língua grega ocorreu em Alexandria no Egito entre o século III a.C. e o final do século II. A tradição atribui a versão do Pentateuco a 72 sábios. Daí o nome de tradução dos LXX dado a toda a obra.

de em Cristo¹⁰. A opção linguística do evangelista é portanto muito significativa. Além de manifestar a capacidade do autor de se adaptar às diferentes situações, tem em si um valor teológico.

As fontes dos Atos

Lucas, compondo seu evangelho, usa como fontes o evangelho de Marcos e a fonte Q, isto é, a fonte que contém o material que Lucas e Mateus têm em comum entre si. Além disso, em algumas perícopes, utiliza fontes próprias. Se esta explicação é aceita por muitos exegetas, não é tão simples indicar quais são as fontes usadas por Lucas na composição dos Atos dos Apóstolos. Isto se torna particularmente árduo porque Lucas, com grande habilidade, reelabora o material à sua disposição, imprimindo nele seu cunho pessoal, seu vocabulário, seu estilo, não permitindo mais identificar as características originárias e a proveniência do material utilizado.

Como vários estudiosos destacam, é possível somente fazer algumas suposições a respeito, embora desde o começo seja útil realçar que as fontes do livro dos Atos não podem ser hipotetizadas abstratamente, mas só considerando cada unidade literária. O nosso discurso fica, assim, um pouco genérico e sem ter pretensão de exaustividade.

Na literatura religiosa da sua época, Lucas não encontrou composições completas referentes à atividade da Igreja primitiva e à missão de Paulo, prontas para serem desenvolvidas e aprofundadas por meio do seu trabalho de redação. Falta a esse respeito qualquer documentação. Sem dúvida, foi Lucas o primeiro a tratar desses assuntos, fazendo — como se explicita no Prólogo do evangelho — muitas pesquisas antes de escrever.

10. Não só a língua escolhida por Lucas na sua narração, mas também a freqüente referência às profecias antigas que se encontram em vários trechos dos Atos mostram que o evangelista considera os acontecimentos da Igreja primitiva como a continuação da história salvífica do passado. Cf. 1,20; 2,17-21.25-28.31.34b-35; 3,22; 4,11.25b-26; 7,17.30.33.37.43.49-50; 8,32b-33; 10,34; 13,17-18.22.33.34.35.41.47; 14,15; 15,16-18; 23,5; 26,17; 28,26-27.

Quanto ao material referente à atividade de Pedro e dos apóstolos em Jerusalém e nos arredores, é provável que Lucas tenha encontrado uma coletânea de relatos, às vezes um pouco lendários, que faziam parte de uma tradição popular à qual o evangelista pôde atingir livremente. Essa fonte de cunho judeo-palestina, em si pouco homogênea e fragmentária, por causa da grande variedade dos relatos nela contidos, era rica de hebraísmos e de aramaísmos¹¹. Vários autores hipotetizam uma fonte jerosolimitana para todos os acontecimentos que ocorreram na cidade sagrada e que são relatados em 1,12-8,3. Com verossimilhança, foi encontrada pelo evangelista em Antioquia, na Síria, porque, após a conquista dos romanos, a cidade de Jerusalém foi abandonada pelos cristãos¹². Foram provavelmente os helenistas interessados em preservar os acontecimentos do passado que, fugindo de Jerusalém, transferiram para Antioquia as tradições da Igreja primitiva.

Pensa-se também numa fonte antioquena referente aos eventos que giram ao redor dos helenistas. A ela pertencem os relatos da eleição dos Sete, da atividade de Estêvão e de Filipe, da fundação da comunidade de Antioquia e os textos que têm a ver com a problemática acerca da circuncisão. Essa fonte se formou em Antioquia. Também a narração da conversão de Paulo e o texto que se refere à sua primeira viagem missionária devem ser tradições encontradas nesta cidade, que foi o lugar do apostolado de Paulo e o ponto de partida das suas viagens¹³.

Na narração das grandes viagens apostólicas de Paulo, que aconteceram depois da assembléia de Jerusalém, não se encontram mais os semitismos e aramaísmos que caracterizam a primei-

11. Os semitismos que se encontram na primeira parte dos Atos, além de indicar o trabalho redacional do autor, podem ser um sinal da procedência judaica desse material.

12. Cf. R. PESCH, op. cit., 37-48, que hipotetiza que os textos 1,1-2,48 e 3,1-5,42, tenham como núcleo básico uma tradição antioquena que dá grande destaque à figura de Pedro.

13. O primeiro a fazer esta hipótese, válida até hoje, foi o grande estudioso dos Atos, representante do método histórico-crítico e fundador da Escola Liberal, A. Harnack (1851-1930). Ele pensou que essa fonte fosse constituída pelos textos de 6,1-8,4; 11,19-30; 12,25-15,35. Junto com A. Harnack, muitos autores aceitam a hipótese da fonte antioquena. Entre eles R. Bultmann, J. Jeremias.

ra metade dos Atos. É possível supor que na base desses relatos estejam as tradições locais das próprias comunidades pelas quais Paulo passou em suas andanças. Pode ter sido o próprio Lucas que — segundo a tradição — acompanhou Paulo em suas viagens, a recolher essas notícias sobre as Igrejas da diáspora.

Pode-se hipotetizar também que Lucas serviu-se de diários de viagens redigidos por ele ou por outros que acompanharam Paulo. A hipótese não carece de verossimilhança. Muitas vezes no relato encontram-se indicações precisas de itinerários e de etapas, sem notícias particulares e episódios específicos com elas relacionados, úteis talvez aos missionários para voltar a visitar as comunidades recém-fundadas¹⁴. Deve-se provavelmente conjecturar a existência de vários diários compostos por várias pessoas.

No âmbito desses diários de viagem, merecem uma consideração particular as ditas “seções nós”, nas quais seu redator se usa a Paulo fazendo uso da primeira pessoa do plural (16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-28,16). O verbo não deve ser pensado como um plural de majestade, ou como um artifício literário do próprio evangelista para enfatizar alguns acontecimentos. É melhor ver nessas passagens o sinal da presença de uma testemunha ocular que garante a verdade daquilo que aconteceu. É bastante lógico pensar que essa pessoa se identifique com Lucas, embora nem todos os autores estejam de acordo¹⁵. Nota-se que esses trechos são relativamente poucos, que seu conteúdo não é específico, relatando tanto viagens marítimas, como viagens em terra firme. Sua linguagem e seu estilo são perfeitamente conformes ao resto do livro dos Atos, de forma que, após a primeira leitura do texto, poucos leitores percebem a passagem da terceira pessoa (singular ou plural que seja) para a primeira do plural¹⁶. Com toda proba-

14. M. Dibelius é um dos autores que com vigor sustentou esta opinião. É preciso, porém, reconhecer que não existe o gênero literário do itinerário de viagem.

15. Cf. R. SCHNEIDER, *Gli Atti degli Apostoli*, Brescia, Paideia, 1985, 115-132, v. I. Alguns autores pensam que o autor das “seções nós” seja Timóteo.

16. Alguns autores notam que as “seções nós” que se encontram no livro dos Atos manifestam certa continuidade entre si. A primeira “seção nós” refere-se à viagem de Paulo a Filipos, a segunda de Filipos até Trôade e daquele lugar até

bilidade constituem outro tipo de fontes utilizadas por Lucas na sua redação.

Em relação a determinados episódios, Lucas recorre a fontes específicas. Onde havia carência do material, ele mesmo compôs sua narração, redigindo pequenos quadros recapituladores, sumários e discursos, com a intenção de aprofundar o sentido dos eventos ocorridos e de indicar as linhas teológicas da sua narração.

Em síntese, e de forma genérica, pode-se dizer que a tradição pré-lucana, na qual se baseiam os Atos, acarreta vários tipos de fonte:

- a fonte jerosolimitana, encontrada em Antioquia que relata os eventos referentes aos apóstolos e sua atividade em Jerusalém e nas redondezas.
- a fonte antioquena, referente aos helenistas, que se formou na cidade de Antioquia.
- vários diários de viagem com o roteiro das viagens paulinas.
- as seções “nós”, nas quais aquele que escreve participa dos acontecimentos vividos por Paulo, utilizando-se, na sua redação, do pronome pessoal na primeira pessoa do plural.

Lucas não poderia ter escrito um livro tão complexo sem o apoio da tradição que ele modificou e transformou, impondo seu cunho pessoal.

A data e o lugar de composição

A data de composição dos Atos deve ser colocada no final do I século, pouco após a redação do evangelho, embora não possa ser determinado com exatidão o prazo entre as duas obras¹⁷. Vários são os motivos desta afirmação.

Mileto, a terceira relata a viagem de Paulo que, passando perto da ilha de Cos e de Rodes e vendo à distância Chipre, chega até Tiro, Tolemaides e Cesaréia, para terminar em Jerusalém. A quarta “seção nós” apresenta a viagem de Paulo desde Cesaréia até Roma.

17. Hoje em dia, ninguém aceita a teoria da escola de Tubinga que pensava que os Atos tivessem sido escritos na metade do século II d.C., sendo uma obra de conciliação entre o grupo particularista petriano e o grupo universalista paulino.

- O próprio Lucas se qualifica como pertencente à terceira geração cristã (Lc 1,1-4).
- No discurso de Mileto o evangelista destaca que, na hora da despedida de Paulo, o povo está muito aflito “sobretudo pela palavra que dissera, que não mais haveriam de ver a sua face” (20,25.38). Esse pormenor indica provavelmente que o autor escreve após o martírio de Paulo, que, como se sabe, aconteceu durante a perseguição de Nero, no ano 64 d.C.
- A redação do livro deve ter acontecido no começo das heresias que amarguraram a vida da Igreja. De fato, Lucas coloca na boca de Paulo a seguinte expressão: “Bem sei que, depois de minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos vorazes que não pouparão o rebanho” (20,29).

Se a data de composição deve ser posterior ao ano 70 d.C., escrevendo o autor após a queda de Jerusalém (Lc 19,43; 21,20-24), ela não pode ser adiada demais e colocada muito depois da morte de Paulo. O livro já devia estar escrito no ano 96 d.C., quando o imperador Domiciano (81-96 d.C.), no final do seu reinado, desferiu uma grande perseguição contra os cristãos de Roma e da Ásia Menor¹⁸. Com efeito, no relato lucano a atmosfera na qual vivem as comunidades é tranqüila e não há elementos que indiquem tal acontecimento que representa o pano de fundo do livro do Apocalipse. À luz desses dados, parece lógico colocar a composição dos Atos nos anos 80-95 d.C, um pouco depois da redação do evangelho. A maioria dos exegetas modernos concorda com esta opinião¹⁹.

Mais difícil é determinar o lugar de composição. A opinião tradicional de que os Atos foram compostos em Roma nos anos 62-64 d.C. é aceita por muitos também hoje. Baseia-se no fato de que a última “seção nós” nos informa que, com Paulo, também o

18. Lactâncio, na sua obra *De morte persecutorum* 3, frisa que Domiciano exerceu “uma detestável tirania”, “levantou suas mãos ímpias contra o Senhor” e, “impulsionado pelos demônios, perseguiu o povo dos justos”. Tertuliano, na *Apologia do Cristianismo* 5,4, qualifica Domiciano como “um meio Nero na crueldade”.

19. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, São Paulo, Loyola, 1991, 17-21.32-33; J. COMBLIN, *Atos dos Apóstolos*, Petrópolis, Vozes, 1988, 59-64, v. I.

redator da seção — a saber Lucas — chegou à capital do Império romano (28,16). Trata-se de uma hipótese bastante frágil porque na “seção nós” não se faz menção à atividade do companheiro de Paulo em Roma. Por isso, a expressão de Paulo prisioneiro: “Somente Lucas está comigo” (2Tm 4,11) não constitui uma prova da veracidade dessa opinião, sustentada também por alguns Padres da Igreja²⁰.

Os exegetas modernos pensam que os Atos possam ter sido redigidos em Antioquia, cidade muito importante para a missão apostólica, onde a tradição coloca o nascimento do próprio evangelista. Outros hipotetizam que Éfeso ou Cesaréia sejam os lugares mais prováveis da origem do livro. Há porém ainda outras opiniões. O Prólogo antimarcionita aos evangelhos, junto com Jerônimo, sustentam que o terceiro evangelho e os Atos foram compostos na Grécia, exatamente na Acaia (*in Achaiae partibus*)²¹. O dado é interessante porque a tradição frisa que Lucas foi sepultado primeiramente em Tebas, na Acaia, onde recebeu a homenagem dos fiéis, antes que o seu sarcófago fosse transportado em Constantinopla e dali em Pádua, na Itália.

Entre tantas opiniões, é difícil escolher. A nosso ver, deve-se privilegiar a cidade de Antioquia, levando em conta seu destaque na história do cristianismo primitivo. A tradição não nos fornece elementos certos para resolver a questão.

O autor e o testemunho da Igreja antiga

A atribuição a Lucas dos Atos dos Apóstolos, além do terceiro evangelho, é antiga.

20. Eusébio, na sua *História eclesiástica* 2,22.6, depois de ter afirmado que Lucas esteve com Paulo em Roma, escreve: “por isso, até este tempo fez sua exposição dos Atos dos Apóstolos, tendo relatado tudo o que tinha ocorrido até quando ele tinha ficado com Paulo”.

21. O Prólogo antimarcionita do evangelho de Lucas sintetiza o perfil biográfico do evangelista dizendo: “Lucas, um sírio de Antioquia, médico de profissão, discípulo dos apóstolos, mais tarde seguiu Paulo até o seu martírio. Serviu sem restrições ao Senhor, nunca se casou, nem teve filhos. Morreu com a idade de oitenta e quatro anos em Beótia, repleto do Espírito Santo”.

- O Cânon de Muratori (linhas 34-35), compilado provavelmente em Roma no ano 200 d.C., é explícito a respeito: “Os atos de todos os apóstolos foram escritos num só livro. Lucas o compõe para o ótimo Teófilo”. Pode-se acrescentar que no documento Lucas é qualificado como “médico” (linha 3)²².
- Na *História Eclesiástica* 6,25,14, Eusébio cita uma frase de Orígenes (185-253) na qual afirma que Lucas “escreveu o evangelho e os Atos”.
- Irineu, que morreu mártir no ano 202 d.C., no seu livro *Contra as Heresias*, 3,1.1, qualifica Lucas como “aquele que acompanhou” Paulo em suas viagens. É consciente de que Lucas é o autor do livro dos Atos, cujos trechos cita aproximadamente quarenta vezes em suas obras teológicas. Considera os Atos dos Apóstolos entre as Escrituras sagradas (3,12.9). Caracteriza, em particular, Lucas como “sempre unido a Paulo” e “inseparável” dele. Depois de ter resumido o relato dos Atos, a começar da primeira viagem de Paulo, acrescenta: “Lucas foi a testemunha de todas essas coisas e as narrou com exatidão” (3,14.1).
- Clemente de Alexandria, falecido em 215 d.C., escreve, na sua obra *Stromata* 5,12, uma só frase, porém muito indicativa: “Lucas, nos Atos dos Apóstolos, apresenta Paulo, que diz: ‘Cidadãos atenienses! Vejo que sob todos os aspectos sois os mais religiosos dos homens [...]. Encontrei até um altar com a inscrição: Ao Deus desconhecido. Ora bem, o que adorais sem conhecer, isto venho eu anunciar-vos’” (At 17,23)²³.
- Também Tertuliano (160-220), no seu escrito *Contra Marciano* 4,2.4, partilha a opinião de que Lucas seja o autor dos Atos e “seguidor” de Paulo.
- Eusébio (263-339), na *História Eclesiástica* (3,4.6), nota que o evangelista, antioqueno por nascimento e médico de profissão, escreveu dois livros divinamente inspirados, o

22. Cf. *Enchiridion Patristicum*, 268.

23. Cf. PG 9,124A.

evangelho e os Atos dos Apóstolos, “nos quais relata coisas conhecidas não porque ouviu falar delas, mas porque vistas com seus próprios olhos”. Em 2,22.6, pensa que o evangelista não terminou o relato da vida de Paulo, limitando-se a escrever os acontecimentos que viveu junto com ele. O mesmo autor considera os Atos como um livro canônico e autêntico (3,25.1).

- Também Jerônimo (347-419), no seu *Homens ilustres* (7,2), destaca: “[Lucas] publicou também outro volume insigne, que é chamado com o título de Atos dos Apóstolos, cuja narração chega até o biênio em que Paulo morou em Roma, isto é, até o quarto ano de Nero. Segue-se que o livro foi composto na mesma cidade”²⁴, embora no comentário ao evangelho de Mateus mude de opinião e pense que os Atos foram escritos na Acaia ou na Beótia.

A tradição concorda, pois, em atribuir a Lucas tanto o evangelho, como os Atos dos Apóstolos. Destaca, também, que Lucas não foi uma das testemunhas oculares dos acontecimentos do evangelho. Não foi palestinese; foi companheiro de Paulo e médico. Foi, sem dúvida uma pessoa culta, um bom conhecedor da tradição judeo-cristã e da tradição das Igrejas fundadas no mundo helenista. Outra tradição, que se encontra no Prólogo antimarcionita, acrescenta que ele foi casto, não gerou filhos, morreu idoso. Esses elementos não devem ser tomados ao pé da letra, indicando o começo da idealização do evangelista por parte de alguns escritores eclesiásticos.

Todas essas declarações dos Padres da Igreja que pertencem aos séculos III e IV indicam a valor atribuído aos Atos na Antiguidade. É difícil determinar se já no século II o livro dos Atos foi mencionado por alguns autores eclesiásticos. Com efeito, é duvidoso estabelecer se na *Didaké*, na primeira carta de Clemente Romano, na carta de Barnabé, ou no Pastor de Hermas há alusões aos Atos. Alguns autores opinam, porém, que, em suas obras, Justino, martirizado no ano 165 d.C., se inspire livremente no livro dos Atos.

24. Cf. PL 23,619 (839).

O texto dos Atos

Cada texto bíblico é fruto de um paciente trabalho crítico, escolhendo, em cada versículo, entre as várias lições que se encontram nos códigos aquela que, segundo os critérios da crítica textual, parece a mais certa.

Dos Atos dos Apóstolos existem três recensões ou textos básicos diferentes. O texto siríaco e antioqueno, o texto egípcio ou alexandrino e o texto ocidental.

- Os primeiros dois são bastante semelhantes e são representados pelos códigos mais importantes: o código sinaítico (S), o vaticano (B), os códigos A e C, assim como por vários papiros antigos (P⁴⁵, P⁵⁰, P⁷⁴) e versões (a *Vulgata*, a versão bohárica e flosseniana). Trata-se do texto mais breve e elegante, aceito também por Clemente, Orígenes e a maioria dos Padres da Igreja a começar do século IV.
- O texto ocidental, que nos é transmitido pelo código de Beza (D), por vários papiros (P⁸, P²⁹, P³⁸, P⁴⁸), pela versão *Vetus latina* e por muitos padres ocidentais (Irineu, Tertuliano, Cipriano), é antigo e pode ser considerado uma revisão das duas primeiras recensões, começada em meados do século II d.C. Nele há muitos acréscimos. Melhoram-se as conexões entre os episódios. Com oportunas modificações, manifesta-se grande devoção por Pedro e Paulo; há também uma atitude antijudaica que perpassa todo o livro.

É difícil dizer, para cada perícopo, qual é o texto autêntico. Normalmente deve-se privilegiar o texto siríaco-antioqueno ou o texto egípcio-alexandrino que são os mais primitivos. O texto ocidental, ao contrário, é secundário. Esta, porém, é uma afirmação genérica. Não se pode negar que algumas variantes do texto ocidental sejam antigas e dignas de atenção²⁵. Os expertos já fizeram o paciente trabalho de análise dos vários códigos, dando

25. Em At 4,6, no texto ocidental, lê-se "Jônatas" em lugar de "João". A leitura é aceita por algumas traduções vernáculas.

à luz importantes edições críticas às quais nos atemos²⁶. Para o leitor deste livro é suficiente conhecer a questão.

Os comentários antigos dos Atos dos Apóstolos

A aceitação dos Atos entre os livros inspirados determinou, desde os primeiros séculos, vários comentários. Vale a pena mencionar alguns deles, embora nós possuamos somente fragmentos ou saibamos da sua existência por causa da citação de outros autores eclesiásticos. No século IV houve o comentário de Panfílio de Cesaréia, falecido no ano 309 d.C., cujos fragmentos se encontram na *Patrologia Grega*²⁷. Também Eusébio de Emesa (295-359)²⁸, Efrem, o Sírio (306-373), Dídimo, o cego (313-398)²⁹, Cirilo, bispo de Alexandria nos anos 412-444³⁰, nos deixaram um comentário dos Atos dos Apóstolos, embora somente poucas páginas destas obras estejam à nossa disposição. Também Orígenes (185-253) compôs dezessete homilias sobre os Atos; estas foram quase inteiramente perdidas³¹. As cinquenta e cinco homilias de João Crisóstomo (354-407), escritas no ano 401 d.C., chegaram, porém, até nós³².

Questões

1. Quais os elementos temáticos e literários que permitem dizer que o terceiro evangelho e os Atos dos Apóstolos constituem uma obra só?
2. Em que consiste a grande "inclusão" que se encontra no início do evangelho e no final dos Atos e a dita "dobradilha"?

26. Hoje em dia, o interesse é o de situar as várias recensões no seu contexto vital e explicar por que evoluíram desta forma.

27. Cf. PG 10,1549-1558.

28. Cf. PG 86,561-562.

29. Cf. PG 39,1653-1678.

30. Cf. PG 74,757-774.

31. Cf. PG 14,829-832.

32. Cf. PG 60,13-384.

que relaciona entre si o final do evangelho e o começo dos Atos? Que tema básico é frisado pelo autor nesses textos estratégicos?

3. Por que é possível afirmar que desde o início da sua composição o evangelista teve claro o projeto de compor dois livros distintos e relacionados entre si? Que elementos concretos da sua redação apontam para isso?
4. Quais, no Prólogo, os pormenores com que Lucas apresenta as etapas da formação do evangelho? Em que sentido esses pormenores podem ser aplicados também aos Atos?
5. Qual a língua utilizada por Lucas em Atos? Em quais trechos o autor usa o estilo clássico, em quais o estilo semítico? Que opção lingüística, em particular, caracteriza a obra de Lucas? Com que finalidade o autor usa o estilo da tradução dos LXX?
6. Que fontes podem-se hipotetizar na composição da primeira e da segunda parte dos Atos? Por que é difícil descobrir as fontes usadas por Lucas na sua composição?
7. Quando Lucas escreveu os Atos dos Apóstolos? Na sua obra, que pormenores nos ajudam a formular uma hipótese a respeito?
8. Qual o lugar mais provável da composição dos Atos? Quais as opiniões dos Padres da Igreja e dos autores a esse respeito?
9. Quais os principais expoentes da Igreja antiga que atribuem a Lucas os Atos dos Apóstolos?
10. Quais os comentários antigos mais importantes dos Atos? Estão ainda à nossa disposição? Que obra antiga chegou completa até nós?

As características literárias dos Atos e a historiografia lucana

Lucas é conhecido como um bom narrador. Essa sua característica se manifesta na apresentação da vida pública de Jesus. Na composição do evangelho, embora seja obrigado a seguir os moldes da tradição, usando o material corriqueiro, como discursos, milagres, parábolas, controvérsias, o evangelista procura oferecer ao leitor uma narração mais coerente, mais exata, com melhores ligações entre os personagens que os outros evangelistas. Em particular, procura apresentar Jesus de acordo com as necessidades do seu tempo, destacando aspectos particulares da sua pessoa ainda não realçados por Marcos e Mateus. Lucas é também historiador, como ele mesmo declara no Prólogo do evangelho, tendo pesquisado com atenção todos os fatos ocorridos desde o início, chegando até às testemunhas oculares da vida de Jesus. Por isso relaciona constantemente os episódios narrados com os acontecimentos da história profana.

O bom estilo na apresentação do material, a ligação entre os episódios, a atenção pela história, caracte-